




**DEFINIÇÕES DE CULTURA E TECNOLOGIA: UM ESTUDO COMPARATIVO
ENTRE DUSEK E RAYMOND WILLIAMS**

**DEFINITIONS OF CULTURE AND TECHNOLOGY: A COMPARATIVE STUDY
BETWEEN DUSEK AND RAYMOND WILLIAMS**

**DEFINICIONES DE CULTURA Y TECNOLOGÍA: UN ESTUDIO COMPARATIVO
ENTRE DUSEK Y RAYMOND WILLIAMS**

 <https://doi.org/10.56238/levv16n55-121>

Data de submissão: 23/11/2025

Data de publicação: 23/12/2025

Freddy Studart de Souza Brasil

Instituição: Universidade Estácio de Sá (UNESA)

E-mail: freddystudart@gmail.com

Ana Valéria de Figueiredo

Instituição: Universidade Estácio de Sá (UNESA)

E-mail: anavaleriadefigueiredo@gmail.com

Ilda Maria Baldanza Nazareth Duarte

Instituição: Universidade Iguaçu (UNIG)

E-mail: ildaduarte2021@gmail.com

Edith Maria Marques Magalhães

Instituição: Universidade Iguaçu (UNIG)

E-mail: edithmagalhaes20@gmail.com

RESUMO

Este capítulo examina as abordagens de Val Dusek e Raymond Williams sobre a definição de conceitos abrangentes como cultura e tecnologia. Segundo Dusek, discussões em busca de definições de termos que lidam com fenômenos marcantes não seriam triviais, mas disputas por descrições em busca de consenso normativo. O estudo analisa as diferentes escolas de pensamento sobre definições apresentadas por Dusek - visão real, estipulante, nominalista, relatante e sumarizante - e examina a evolução histórica do conceito de cultura conforme apresentada por Williams, desde seu uso agrícola original até suas aplicações antropológicas e artísticas contemporâneas. A metodologia empregada é de natureza qualitativa, baseada em análise bibliográfica comparativa. Os resultados demonstram que ambos os autores convergem para uma abordagem sumarizante, que reconhece a impossibilidade de definições universais e conclusivas, mas estabelece parâmetros controladamente abrangentes para fins analíticos. A principal contribuição está em demonstrar que a flexibilização semântica não seria uma fraqueza conceitual, mas uma característica necessária para lidar com fenômenos que atravessam múltiplas disciplinas e contextos históricos, com implicações éticas, políticas e normativas relevantes para a compreensão da sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Cultura. Tecnologia. Definições. Filosofia da Tecnologia. Estudos Culturais.

ABSTRACT

This chapter examines Val Dusek's and Raymond Williams' approaches to defining broad concepts such as culture and technology. According to Dusek, discussions seeking definitions of terms dealing with significant phenomena are not trivial, but disputes over descriptions in search of normative consensus. The study analyzes the different schools of thought on definitions presented by Dusek - real, stipulative, nominalist, reportive, and summary views - and examines the historical evolution of the concept of culture as presented by Williams, from its original agricultural use to its contemporary anthropological and artistic applications. The methodology employed is qualitative, based on comparative bibliographic analysis. The results demonstrate that both authors converge toward a summary approach, which recognizes the impossibility of universal and conclusive definitions but establishes controlled comprehensive parameters for analytical purposes. The main contribution lies in demonstrating that semantic flexibility is not a conceptual weakness but a necessary characteristic for dealing with phenomena that cross multiple disciplines and historical contexts, with ethical, political, and normative implications relevant to understanding contemporary society.

Keywords: Culture. Technology. Definitions. Philosophy of Technology. Cultural Studies.

RESUMEN

Este capítulo examina los enfoques de Val Dusek y Raymond Williams sobre la definición de conceptos amplios como cultura y tecnología. Según Dusek, los debates en busca de definiciones de términos que tratan fenómenos destacados no serían triviales, sino disputas por descripciones en busca de un consenso normativo. El estudio analiza las diferentes escuelas de pensamiento sobre las definiciones presentadas por Dusek —visión real, estipulante, nominalista, relativa y resumida— y examina la evolución histórica del concepto de cultura tal y como lo presenta Williams, desde su uso agrícola original hasta sus aplicaciones antropológicas y artísticas contemporáneas. La metodología empleada es de naturaleza cualitativa, basada en un análisis bibliográfico comparativo. Los resultados demuestran que ambos autores convergen en un enfoque resumido, que reconoce la imposibilidad de definiciones universales y concluyentes, pero establece parámetros controladamente amplios para fines analíticos. La principal contribución radica en demostrar que la flexibilización semántica no sería una debilidad conceptual, sino una característica necesaria para abordar fenómenos que atraviesan múltiples disciplinas y contextos históricos, con implicaciones éticas, políticas y normativas relevantes para la comprensión de la sociedad contemporánea.

Palabras clave: Cultura. Tecnología. Definiciones. Filosofía de la Tecnología. Estudios Culturales.

1 INTRODUÇÃO

Segundo Dusek (2006), discussões em busca da elaboração de definições de termos que lidam com fenômenos marcantes não seriam triviais. A despeito da percepção de que essas discordâncias poderiam soar aparentemente pedantes ou arbitrárias, se trataria de uma disputa por descrições em busca de consenso normativo.

Este capítulo examina as abordagens de Val Dusek e Raymond Williams sobre a definição de conceitos abrangentes como cultura e tecnologia. O objetivo é identificar como cada autor lida com o problema das definições e quais são as convergências entre suas metodologias.

A relevância dessa investigação está no fato de que tanto cultura quanto tecnologia são termos amplamente utilizados, mas com significados múltiplos e frequentemente conflitantes. Escrutinar e examinar a natureza desses conceitos nos permitiria perscrutar no real alcance desses substantivos em nossa realidade. Mesmo assumindo o risco de não haver resposta definitiva, a mera especulação já funcionaria como exercício de análise filosófica, com desdobramentos éticos, morais e ordenativos.

De acordo com Raymond Williams, ao buscar a determinação de termos complexos, se tem que levar em conta uma série de desenvolvimentos históricos e metodológicos. Frequentemente há um intrincado desenvolvimento da construção da definição semântica, passando pelas diversas disciplinas intelectuais e múltiplos sistemas de pensamentos experimentados, frequentemente distintos e incompatíveis.

A estrutura deste capítulo está organizada da seguinte forma: primeiro, serão apresentadas as diferentes visões sobre definições segundo Dusek, depois será analisada a evolução histórica do conceito de cultura segundo Williams, e por fim será examinada a busca pela definição de tecnologia conforme proposta por Dusek. Ao final, busca-se demonstrar que ambos os autores chegam a uma abordagem que reconhece a dificuldade de definições fechadas, mas que não renuncia à necessidade de estabelecer parâmetros úteis para fins filosóficos e práticos.

2 METODOLOGIA

A metodologia empregada neste capítulo é de natureza qualitativa, baseada na análise bibliográfica comparativa. O estudo parte de duas obras: "Philosophy of Technology: An Introduction" (2006) de Val Dusek e "Keywords: A Vocabulary of Culture and Society" (2011) de Raymond Williams.

O procedimento metodológico foi estruturado em três etapas:

2.1 IDENTIFICAÇÃO DAS ESCOLAS DE PENSAMENTO SOBRE DEFINIÇÕES

Foram identificadas e analisadas as diferentes visões sobre definições apresentadas por Dusek: a visão real (dos filósofos gregos), a visão estipulante, a visão nominalista, a visão relatante e a visão

sumarizante. Também foram examinadas as diretrizes gerais propostas pelo autor para a busca de definições adequadas.

2.2 RECONSTRUÇÃO DA EVOLUÇÃO HISTÓRICA DOS CONCEITOS

Foi realizada uma análise da trajetória histórica do conceito de cultura conforme apresentada por Williams, desde seu uso original relacionado à lavoura até suas aplicações contemporâneas. De forma similar, foi examinada a evolução do conceito de tecnologia segundo Dusek, incluindo suas diferentes interpretações: como instrumental, como regra, como sistema e como ciência aplicada.

2.3 ANÁLISE COMPARATIVA

Foram estabelecidos paralelos entre as abordagens de ambos os autores, identificando convergências e diferenças em suas metodologias. Observou-se como ambos lidam com a questão da pluralidade de significados e com a impossibilidade de definições conclusivas e universais.

A análise textual priorizou a exposição fiel dos argumentos apresentados pelos autores, buscando identificar suas posições sobre o problema das definições de conceitos complexos. O critério de seleção dos autores se justifica pela complementaridade de suas abordagens: Dusek oferece uma análise filosófica sistemática, enquanto Williams apresenta uma perspectiva histórica e cultural.

3 ANÁLISE DOS TEXTOS

Segundo o Dusek (2006), discussões em busca da elaboração de definições de termos que lidam com o significado de fenômenos marcantes, não seriam triviais. A despeito da percepção de que essas possíveis discordâncias poderiam soar aparentemente pedantes ou arbitrárias, se trataria de uma disputa por descrições em busca de consenso normativo.

Escrutar e examinar a natureza de conceitos abrangentes como cultura ou tecnologia, nos permitiria perscrutar no real alcance desses substantivos em nossa realidade, passando por tentativas de reduções a ferramentais minimalistas a criação de conjuntos demasiado abrangentes, de difícil categorização. Mesmo assumindo o risco de não haver resposta definitiva, a mera especulação já funcionaria como exercício de análise filosófica, com desdobramentos éticos, morais e ordenativos.

De acordo com Raymond Williams (WILLIAMS, 2011^a p.117), como observado, ao buscar a determinação de termos complexos com Cultura e Tecnologia, se tem que levar em conta uma série de desenvolvimentos históricos e metodológicos, as quais os termos estariam sendo examinados. Frequentemente há um intrincado desenvolvimento da construção da definição semântica, passando pelas diversas disciplinas intelectuais e múltiplos sistemas de pensamentos experimentados, frequentemente distintos e incompatíveis.

3.1 TIPOS DE VISÕES SEGUNDO DUSEK

O próprio ato de tentar definir conceitos tão abrangentes de forma fechada e sintética já denunciaria características de afiliação a uma escola de pensamento. Os antigos filósofos gregos, como citados por Dusek (2006), atinham-se a visão de determinar uma descrição precisa e definitiva dos conceitos, como forma de perseguir a “natureza” verdadeira de um objeto, com o objetivo de enquadrá-lo dentro de uma suposta “estrutura real” das coisas. (DUSEK 2009 P. 42)

Aristóteles afirmou que os objetos possuem essências e que as definições reais corresponderão a elas. As definições reais do tipo que Platão e Aristóteles buscavam supostamente “destrincham a natureza”, isto é, correspondem aos “tipos naturais” das coisas.

Nesse sentido, os filósofos gregos seriam os representantes da busca por uma *visão real* das definições, que encerrasse todos os significados em si mesma. Em oposição a essa pretensão taxativa, estaria a visão das *definições estipulantes*, que negaria uma natureza real e conclusiva dos conceitos, aceitando que só seria possível definir palavras, e não coisas.

Complementando as outras possíveis escolas históricas de normatizações de visões estariam a *nominalista*, que divide o mundo em dualidades de classes, numa espécie de redução utilitária. Adicionalmente há a visão *relatante*, que leva em conta a popularidade que um conceito tem, tal qual o quanto é utilizado comumente pelas pessoas. Por fim, há a visão *sumarizante*, onde se tenta buscar uma definição controladamente abrangente voltada para a aplicação, com pontos de corte definidos.

De maneira resumida, a estrutura de diretrizes gerais para busca de definições, mencionadas por Dusek seriam: 1. Não ser muito ampla nem estrita; 2. Não ser circular. 3. Não usar linguagem figurativa ou metafórica, 4. Não ser unicamente negativa (preservar afirmações positivas).

3.2 EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO CONCEITO DE CULTURA SEGUNDO WILLIAMS

A busca por delimitações precisas para termos tão abrangentes como cultura e tecnologia pode ser um desafio notável, haja vista a pluralidade de utilizações dos termos e suas variações ao longo da história.

De acordo com Raymond Williams, a evolução do conceito de cultura se deu mediante diversas revisões da aplicabilidade do substantivo. Os primeiros usos se refeririam aos tratamentos com a lavoura, como eram cuidadas. Uso este que serviu de base para a metaforização do termo, posteriormente aplicado a qualidade do indivíduo *educado*, dotado de *desenvolvimento humano* e cultural. (WILLIAMS, 2011, pág. 121)

A partir do princípio do séc. XVI, o cuidado com o crescimento natural ampliou-se para incluir o processo de desenvolvimento humano, e esse, ao lado do significado original relativo à lavoura, foi o sentido principal até o final do séc. XVIII e início do séc. XIX. Daí More: “para cultura e o proveito de suas mentes”; Bacon: “a cultura e o cultivo das mentes” (1605), Hobbes:

“uma cultura de suas mentes” (1651); Johnson: “ela negligenciou a cultura de seu discernimento” (1759).

Perceber-se-ia nesse fragmento um profundo senso de segregação na palavra cultura, onde o viés classificatório de distinção intelectual e de adesão a valores de matriz educacional europeia dominaria o conceito. Da mesma forma, na França do séc. XVIII, onde agiria como título, compartilhando valores de sofisticação e, sobretudo, “civilização”. No sentido de que, *cultura* então seria sinônimo de desenvolvimento humano, mensurado através de parâmetros eurocentricos. Esse conceito foi utilizado com frequência no contexto histórico do período colonial, onde a subjugação de sociedades estaria, em parte, justificada ou escusada, pela difusão de “cultura” como ferramenta de aprimoramento a povos supostamente “não-civilizados”.

Posteriormente, o conceito veio a ser empregado no sentido de aprimorar quesitos de diferenciação de particularidades culturais regionais. Houve uma expansão do termo no intuito de incorporar o que se observava como tradições sociais específicas, com a gênese do conceito de *cultura popular*. Ainda hoje amplamente utilizado manifestações musicais, artísticas, literárias, teatrais etc., ainda são referidas como cultura. Politicamente, por exemplo, espera-se de um ministério da cultura a gestão e promoção dessas atividades.

Em síntese, seria difícil classificar um uso preciso segundo a escola grega (atrás de uma visão “real”, simples e restrita) do conceito de cultura. Segundo Williams (2011, pág. 121) Observa-se ao menos três usos mais correntes; (1) Substantivo classificatório de suposto processo de desenvolvimento intelectual e acadêmico de um indivíduo ou população, (2), substantivo independente, caracteriza-se com o uso antropológico, utilizado para identificar um modo de vida particular de um povo ou período específico, seus hábitos, tradições e costumes. (3) também substantivo, mas referente um conjunto de obras de caráter artístico (música, literatura, arte, etc.).

É interessante observar a evolução do conceito, encaminhando-se para uma visão sumarizante, abarcando uma miríade de grupos, flexibilizando o termo em posições antropológicas, ideológicas ou políticas. Comportando até mesmo subdivisões semânticas. (WILLIAMS, 2011, pág. 124)

É interessante que o uso social e antropológico em constante expansão de **cultura** e **cultural** e de formações como **subcultura** (a cultura de um grupo discernível menor) tenha ou eludido ou diminuído a hostilidade e o mal-estar e embaraço que lhe são associados, exceto em certas áreas (notadamente no entretenimento popular)

3.3 A BUSCA DA DEFINIÇÃO DE TECNOLOGIA POR DUSEK

De forma similar, Dusek (2006) analisa o conceito de tecnologia sob óticas históricas diferentes. Contemporaneamente o termo é frequentemente utilizado como sinônimo de equipamentos eletrônicos, como computadores, máquinas e aparelhos celulares. Seria a tecnologia como *instrumental*. Porém, critica essa definição por ser muito restritiva. Excluiria métodos e técnicas (que

por sua vez poderiam ser até mesmo necessárias para a utilização dessas ferramentas). Alternativamente, tecnologia poderia ser vista com *regra*, associada a ciência ou software, em oposição ao hardware.

A definição por *sistema* também é possível, mas problemática, pois fora do contexto apropriado, perde funcionalidade (um avião caído numa selva remota não funcionaria como exemplo). O que necessitaria do remendo semântico para *sistema tecnológico*. Dusek também expõe a fragilidade do conceito de tecnologia como *ciência aplicada*, pois estaria historicamente errado (excluiria da delimitação de tecnologia tudo que houvesse antes das formalizações do método científico e a ciência experimental moderna). De uma forma geral, qual seria então a demarcação descritiva do termo com base nos sistemas e consenso geral? Segundo Galbraith (GALBRAITH, 1967, cap. 2 apud Dusek 2006, pág. 52)

A aplicação sistemática de conhecimento científico ou de outro tipo a tarefas práticas.

Galbraith então incorporaria organizações sociais e sistemas de valor a descrição. Portanto, assim como feito na busca pela definição de cultura, poder-se-ia afirmar que uma visão sumarizante, com parâmetros moderadamente bem definidos, construiria um consenso base útil para fins filosóficos. Em síntese seria essa a abordagem de *sistemas tecnológicos*. (DUSEK 2006. Pág. 53)

A aplicação de conhecimento científico ou de outro tipo a tarefas práticas por sistemas ordenados que envolvem pessoas e organizações, habilidades produtivas, coisas visas e máquinas.

Uma vantagem dessa visão seria a de não presumir a neutralidade da tecnologia a partir de sua significação, o que a visão descritiva preliminar de ferramenta sugeriria.

No entanto, de uma forma geral, e novamente em paralelo com a definição de cultura, não haveria unanimidade em nenhuma interpretação, pois nem todos os estudiosos encaram como fundamental e determinante a busca por uma descrição conclusiva.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise comparativa entre as abordagens de Dusek e Williams revela convergências significativas. Ambos reconhecem que definir termos como cultura e tecnologia não é um exercício trivial, mas uma disputa normativa com implicações práticas concretas.

Dusek apresenta diferentes escolas de pensamento sobre definições e demonstra algo interessante: o próprio ato de tentar definir conceitos de forma fechada já revela uma filiação filosófica. A visão real dos gregos buscava essências definitivas, uma natureza verdadeira das coisas. Essa abordagem, no entanto, se mostra insuficiente para lidar com conceitos que são dinâmicos e

historicamente situados. Williams evidencia isso através da análise histórica do termo cultura, que passou por múltiplas transformações semânticas ao longo dos séculos. Do uso agrícola original às aplicações antropológicas contemporâneas, o conceito foi constantemente reelaborado conforme novos contextos e necessidades intelectuais surgiam.

A principal contribuição de ambos estaria na defesa de uma visão sumarizante. Essa abordagem reconhece a impossibilidade de definições universais e conclusivas, mas não renuncia à necessidade de estabelecer parâmetros para fins analíticos. Williams identifica ao menos três usos correntes de cultura, que coexistem sem se excluir mutuamente. Dusek, por sua vez, propõe uma definição de tecnologia como sistema tecnológico que incorpora não apenas ferramentas, mas também conhecimento, organizações sociais e sistemas de valor.

Essa convergência metodológica sugere um limite epistemológico interessante. Tanto a análise filosófica sistemática quanto a análise histórica chegam à mesma conclusão: não há unanimidade possível em definições fechadas. A flexibilização semântica, longe de ser uma fraqueza, seria uma característica necessária para lidar com fenômenos complexos que atravessam múltiplas disciplinas.

Uma vantagem clara dessa abordagem é que ela não presume neutralidade nos conceitos. Tanto cultura quanto tecnologia carregam implicações ideológicas e políticas que definições puramente instrumentais tenderiam a ocultar. O uso colonial do termo cultura como sinônimo de civilização europeia, mencionado por Williams, exemplifica como definições aparentemente neutras podem servir a propósitos normativos específicos. Reconhecer essa pluralidade permite uma postura mais crítica.

Vale ressaltar, no entanto, que nem todos os estudiosos encaram como fundamental a busca por uma descrição conclusiva. Alguns podem argumentar que a própria tentativa de definir termos tão abrangentes já parte de pressupostos questionáveis. Dusek e Williams, contudo, defendem que o exercício tem valor em si mesmo. Mesmo sem alcançar respostas definitivas, a análise conceitual funcionaria como ferramenta de clarificação, com desdobramentos relevantes para a compreensão da sociedade contemporânea.

Por fim, o paralelo entre cultura e tecnologia se mostra produtivo justamente por revelar desafios comuns na definição de conceitos complexos. Ambos os termos resistem a reduções simplistas e demandam abordagens que levem em conta seus desenvolvimentos históricos, suas múltiplas aplicações disciplinares e suas implicações normativas. A contribuição de Dusek e Williams está menos em fornecer definições finais e mais em demonstrar como pensar rigorosamente sobre esses conceitos, reconhecendo suas limitações e possibilidades.



REFERENCIAS

- DUSEK, Val. **Philosophy of Technology: An Introduction**. Malden: Blackwell Publishing, 2006.
- GALBRAITH, John Kenneth. **The New Industrial State**. Boston: Houghton Mifflin, 1967.
- WILLIAMS, Raymond. **Keywords: A Vocabulary of Culture and Society**. New ed. New York: Oxford University Press, 2011.